



# AGOSTINHO DA SILVA — Intrépido iniciador luso-brasileiro

*Eugénio Lisboa*

Agostinho da Silva, que hoje aqui lembramos, foi uma conjunção feliz e rara de múltiplos talentos e múltiplas pulsões: professor, filósofo, animador, sonhador e realizador pragmático de projectos, viajante, semeador, convivente, ele soube, para tantos de nós, aparecer no momento próprio, com a palavra certa capaz de apaziguar a nossa angústia e pacificar os nossos demónios. Pessoalmente, num dos momentos mais cruciais da minha vida, com uma carreira interrompida e todos os demónios interiores à solta, o encontro com alguns livros de Agostinho foi decisivo: a harmonia discreta das suas palavras certas mas não invasoras, que transiltravam uma vida bem pensada e sentida, trouxe-me o bálsamo e alguma energia de que necessitava para retomar um percurso rico mas perturbado. Para sempre lhe fiquei grato e, mesmo ainda antes de o conhecer, tive-o como um dos meus melhores amigos. Falámo-nos uma única vez, porque eu vivia longe. Mas Agostinho da Silva arranjava inúmeros modos de nos falar. Livros, folhetos, entrevistas, cartas de vários sobrescritos, tudo era lenha para a sua boa fogueira.

Creio que, no final da vida, o Agostinho da Silva que a televisão revelou – dialogante vivo e socrático, isto é, mansamente provocador –, o calcorreador de ruas conversáveis, o agitador benévolo e sorridente, poderá ter provocado algum tanto a oclusão do grande escritor que também foi. “Os escritores”, observou o romancista americano, Scott Fitzgerald, não são exactamente pessoas, ou, se têm algum préstimo, são

uma data de gente a tentar a todo o custo serem uma só pessoa.” As várias pessoas ou os vários e admiráveis formatos que se revestiu de Agostinho da Silva convergiram, com grande vigor e fulgor, na personalidade inconfundível e prodigiosamente actuante que a tantos se impôs e a não poucos *salvou*. O seu segredo encontrar-se-ia talvez no facto de achar que os outros eram importantes. Numa longa e admirável entrevista (ou *narração*, se preferido) dada a Henryk Siewierski, o autor de *Glosas* fala, a certa altura, na “descoberta da graça no outro,” aquela “graça que tem de ser nos outros soprada, animada, como a gente sopra uma fogueira que se está a extinguir.” E precisava o seu pensamento, que estava na base da sua fundamental actividade de grande semeador: “Naqueles homens que nos aparecem como miseráveis, aleijados, desprotegidos, há uma fogueira que se extingue, e por isso é preciso soprar nela – foi o que Cristo ensinou.” E concluía, num remoque àquilo que considerava ser a indiferença, ou o desprezo ou a arrogância que teria caracterizado a personalidade de Fernando Pessoa: “... o dever do homem é o de salvar as personalidades que ele é, sem desprezar as personalidades que os outros são.”

Foi em grande parte esta pulsão profunda de descobrir a “graça no outro,” de soprar “uma fogueira que se está a extinguir” que esteve na origem de todo o seu longo, fecundo, admirável percurso de vagabundo semeador, calcorreando os mundos por onde o português andou, sem excluir uma atenção vigilante ao mundo africano. Assim, pelos anos trinta e até 1944, Agostinho da Silva iniciou, com simplicidade e intrepidez – e nele, simplicidade e intrepidez eram componentes admiravelmente interligadas – o grande período dos seus bem sucedidos folhetos de *Iniciação*, de divulgação dos grandes autores (a que chamou *Antologia*) e de *A Volta ao Mundo* (textos para a juventude). Com os primeiros – de que a tiragem, entre assinantes e compradores avulso foi imparavelmente aumentando – autor, “numa linguagem simples, clara e em poucas páginas,” ia falando de determinados assuntos, fazendo uma educação do povo a um tempo aliciante e eficaz. Tirando as tarefas administrativas, para que imaginativamente procurou os melhores e mais bem pensados apoios, Agostinho fazia tudo: escolhia as matérias, documentava-se, traduzia, redigia, seleccionava — tudo isso baseado numa vastíssima cultura, num omnívoro apetite de leitura e numa inteligência que desconhecia o que fosse o egoísmo.

Além destes três pilares – a *Iniciação*, a *Antologia* e *A volta ao Mundo* – Agostinho deu também início a uma sedutora série de biografias de figuras exemplares, porque, dizia, “me pareceu importante apresentar as pessoas, além dos folhetos, outras biografias maiores de santos, por exemplo, de

São Francisco de Assis, de políticos, por exemplo, de Lincoln, de cientistas, por exemplo, de Pasteur, de artistas, por exemplo, de Miguel Ângelo – para ver como é que estas personalidades tinham andado no mundo e como se haviam comportado.” Além dos nomes já citados, Agostinho acrescentou ainda os de Washington, Robert Owen, Leopardi, Franklin, Zola, Laménais, Pestalozzi, Sanderson, Montaigne.

Além desta profícua actividade de empenhado divulgador de conhecimento pela via da escrita, Agostinho cedo foi solicitado a “fazer palestras, conferências a associações de recreio, de operários, clubes, etc.” – desafios a que nunca se furtou, até à intervenção inevitável da Censura que, das palestras, extrapolou para os livros e, destes, para a inescapável prisão, onde esteve duas a três semanas.

No Brasil, de terra para terra, de Universidade para Universidade, este homem singular – misto de sonhador e de pragmatista de pés bem chumbados na terra (como iniciador, projectista e executor deixa a perder de vista mistos *soi-disant* empresários que o viam como uma espécie de alienado sonhador) – este homem singular, dizia, foi construído, criando centros, laços, diálogos, pondo de pé amizades, ideias, estímulos, mais uma vez dando escoamento ao seu impulso de soprar nos outros uma chama a extinguir-se ou simplesmente mal acesa.

Mas foi este percurso em que investiu anos de esforço, inteligência e entusiasmo, foi esta actividade pedagógica, no melhor sentido, isto é, no de *inspirar* mais do que no de ensinar – embora tenha ensinado muito – que terá contribuído, em grande parte, para ocultar o que havia, o que há, em Agostinho da Silva, de um límpido, transparente, ático e grande escritor. Tanto maior quanto as admiráveis características que lhe definem o estilo são as que menos frequentemente habitam na prosa dos nossos escritores – com raríssimas excepções.

O que Agostinho da Silva pregava como *escrever bem* pode claramente deduzir-se daquilo que escreveu. Mas há um notabilíssimo texto seu, publicado no nº 197, de 23 de Janeiro de 1930, da *Seara Nova*, intitulado *Da Imitação da França*, no qual, ao invés do que é costume, entre nós, o autor de *Vida de Leopardi* não só não ataca o chamado “francesismo”, como nos dá, como exemplo da arte de escrever, o que há de melhor na ática prosa dos clássicos franceses (antigos e modernos) – do mesmo passo que fustiga, com eloquência e o seu quê de impaciência, a nossa mais do que frequente vocação para o alambicado, o complicado, o obscurantista, o neo-gongórico, o arrebicado, o pretensioso, na escrita, mesmo a mais corrente.

Agostinho fustiga, para começar, dois pecados maiores entre os que, entre nós, se dedicam à arte da escrita. Em primeiro lugar, uma completa falta de perspectiva, quase nunca se tomando em conta as grandes lite-

raturas estrangeiras cujo conhecimento profundo nos daria uma ideia mais realista do valor da nossa. Aos que apontam a imaculada “pureza” dos nossos clássicos, em defesa da língua contra o maléfico invasor francês, Agostinho observa com alguma rispidez (nele, não muito vulgar): “... forçoso é dizê-lo claramente, os nossos clássicos não são o que SS. Ex.as. supõem; o considerá-los grandes escritores, dos maiores do mundo, prova mais uma vez que Portugal é uma ilha de ignorância num mar civilizado que a cerca mas não a penetra; e cada vez levantamos diques mais altos para que nem a espuma das ondas nos salpique. Tratar os clássicos de incomparáveis revela, pelo menos, o desconhecimento das literaturas estrangeiras, a vaga, muito vaga notícia de alguns nomes, de algumas datas – desesperadamente, mais nada.” E acrescenta isto, que terá feito levantar mais do que uma sobancelha: “Nós temos inegavelmente grandes escritores em Portugal; mas tão poucos que não podem autorizar a lenda, todos os anos repetida aos alunos do liceu e todos os dias escrita e dita em artigos e discursos, de que a nossa literatura é uma das grandes do mundo. E, se buscarmos bem, só encontramos quatro ou cinco nomes que nos não envergonham no concerto europeu. O resto – frades ingénuos, acumuladores de factos, oradores verbalistas...” E, com coragem quase suicida – com aquela frontalidade que Stendhal considerava ingrediente inevitável dos grandes escritores – Agostinho continua: “Porque é tempo de acabarmos com lendas e tradições falsas; de nos não guiarmos apenas pelo que dizem os historiadores da literatura; de ler as literaturas estrangeiras e depois as compararmos com a nossa; de não considerarmos Portugal um país glorioso que pode dormir, mas um pobre país que precisa de acordar e *fazer-se*.” E conclui, com o seu quê de radicalismo provocatório: “Precisamos de ver que o P<sup>e</sup> Manuel Bernardes desce aos últimos limites da ignorância e – escrevamos a doce palavra – da ingenuidade, escrevendo, em pleno século XVII, as suas historiazinhas, os seus milagres e acreditando piamente neles; que António Vieira, no século que teve Bossuet, é o mais oco retórico que se pode, exceptuando Alves Mendes, encontrar à flor da terra; que não tem uma ideia profunda e todo se perde em rebuscamentos e gongorismos, que é um mar de palavras e um deserto de pensamentos, que é, finalmente, a Fénix Renascida posta em prosa ao divino; que Sá de Miranda é um pobre homem que, lutando e suando como quem desbasta uma pedreira, vai trabalhando no português os seus versos duros e esquinados como calhaus; que todos os *grandes* de Portugal, quando muito, valem apenas por escreverem *bem*.” Agostinho da Silva, na sua impaciência e quase revolta para com o bem escrever não apoiado em qualquer conteúdo leva longe demais a sua afronta: afirmar que todos os grandes de Portugal

sofrem de tal mal é exagerar a acusação. Mas que a retórica vazia é, pelo menos, uma tentação que espreita os escritores portugueses, de quando em quando, lá isso é... Por isso, pergunta: "Que há nisto de honroso – escrever bem – quando a ideia traduzida pela prosa admirável é reduzida ou nula?" E julga poder responder: "É ter boa voz e não saber escolher os trechos de canto, é pintar bem e não saber encontrar assunto." E abre, por fim o seu jogo, indicando a terapêutica necessária a uma cura eficaz do nosso pendor gongorizante: "A prosa portuguesa clássica, acostuada a ter pouco que dizer, não pode evidentemente servir para quem nela desejar exprimir ideias; tem que se arranjar uma língua que não esteja sempre a propender para a retórica, a trair o pensamento pelo gosto da metáfora, a suplantar o raciocínio pela música. Queremos uma prosa precisa e clara que ande em períodos curtos, que seja um instrumento de análise minuciosa e de síntese clara e bem ordenada; que se não perca em luxos, diga o essencial e, pela íntima necessidade de ser lógica, torne lógico o nosso pensamento, uma prosa que se não entusiasme diante do que escreve mas seja serena e fria. Queremos – perdoai-me, meus amigos puristas! – uma prosa francesa; e, muito contra a nossa vontade, temos, como vós dizeis, de marear a pureza da língua." Grande artista da prosa, que era, e também poeta e universal leitor de grandes poetas e prosadores da várias línguas, Agostinho da Silva era culto demais e inteligente demais para não saber que a paleta de virtudes por ele receitada como terapêutica não esgotava o repertório dos valores que têm dado, à prosa, no decurso dos séculos, o seu estatuto eminente. Mas, como bom guerreiro, dava, ao inimigo, combate com armas equivalentes: ao exagero de retórica vazia opunha, estrategicamente, o exagero de atividade e transparência: mordedura de cão cura-se com pêlo do mesmo cão. Por isso, antecipando os informados argumentos do adversário, notava logo: "Vão talvez bradar os puristas que nós, tendo outro gênio, devemos ter um língua de natureza e talhe diferentes, uma língua rica e formosa de sons, toda chocalhante de fúlgidas imagens. Era toda uma questão saber se temos algum gênio particular e, se o nosso gênio, a existir, tem qualidade que reclame uma língua como a que usaram os clássicos; atentemos apenas nas características da linguagem que desejam conservar os puristas, louvando, como Castilho, as doçuras do hipérbato e as maravilhas do pretérito mais que perfeito composto." E, com não pouca faceirice, acrescentava: "E, no entanto, meus senhores, não nos podemos apresentar ante a Europa apenas com o hipérbato, coisa jocosa, e com o mais que perfeito composto, coisa complicada; devemos levar mais se quisermos ser considerados civilizados; se lá formos só com o hipérbato – o que rirá a Europa! O hipérbato é um salto mortal de palhaço, não é o exercício

ginástico, rítmico e fino, do atleta grego. Temos que escrever a língua da ciência, não a desordenada língua da emoção amorosa; e temos que escrever a língua do século XX, não a língua do século XVII, mais ainda, do século XVII português.”

Agostinho da Silva dava, neste texto fundamental, uma lição ainda hoje - sobretudo hoje? - de grande validade: a nossa ficção, a nossa prosa de ideias, mais sucintamente, o nosso ensaio fazem extrema gala no obscuro, no espesso, no impenetrável, namoriscam sem vergonha o hipérbato desnecessário, a circunvolução córnea e inapetecida, o nevoeiro que promete falsamente as riquezas que não chegam a vir à luz. O intelectual de ideias mal digeridas refina no complicado que toma pelo complexo e foge da peste da simplicidade, da luminosidade e da transparência - que toma, saloiamente, por pobreza e simplismo. Dizia Wittgenstein que, quando uma ideia se não consegue exprimir com simplicidade e clareza é porque ainda não está madura para ser expressa. Um grande número dos nossos intelectuais gostam de citar Wittgenstein mas gostam menos de o ler. Razão tinha pois - e continua a tê-la - Agostinho da Silva para pedir uma língua nova para Portugal. E, afrontando com galhardia a hoste milenar dos puristas anti-francesistas, ousava proclamar: “... uma língua nova só a França no-la pode ensinar; temos que aprender com os historiadores e com os críticos franceses a simplicidade de vocabulário, a simplicidade, que não é pobreza, mas domínio da abundância; os períodos que se não perdem em subordinações e em grandes coisas floridas, mas vão direitos ao fim; as frases que não são trabalhadas como uma jóia, mas como o forte elo de uma forte cadeia; a palavra de sentido exacto que se não presta a dúbias interpretações e às habilidades de dialectos escolásticos.”

Num admirável estudo consagrado a Stendhal, que demonstra de modo claro o fascínio de um escritor de raça por outro escritor de raça naquilo mesmo que os aproxima, Agostinho da Silva louva no grande romancista de *Le Rouge et le Noir* o horror às “vacuidades da eloquência” e nota ainda que “o esforço de escrever não estava para ele em buscar a palavra bonita, o fim harmonioso da frase, a imagem nova e brilhante; estava em obter a expressão justa (...).” Noutro passo e aludindo ainda ao mesmo autor, observa: “Aqueles que se deixam seduzir pelo período bem equilibrado, mas oco, pela frase opulenta, mas inútil, pela metáfora sonora, mas inexacta, pela linguagem nobre e tersa, afirmarão certamente que Stendhal escreve o pior possível; mas hão-de ter opinião diferente os que acham que escreve bem o autor que recria nos seus leitores uma emoção, que os não deixa demorarem-se a examinar habilidades de prosa, o artista que se serve de um estilo tão transparente, tão límpido,

tão praticamente inexistente.” Agostinho louva, repito, em Stendhal, as características de estilo que são as suas próprias ou, mais modestamente, se quiserem, aquelas que obviamente visa possuir. E, num ousado rasgo de grande psicólogo, vai ao ponto de dizer:

*Estou em supor que foi a antipatia pela retórica que impediu Stendhal de se juntar francamente aos republicanos; toda a sua maneira de pensar política o levava para esse campo; o carinho pelo povo, o entusiasmo antigo por 89, a clara visão das vantagens do sistema parlamentar, o desprezo pelas tiranias de todas as épocas e de todas as cores, francas ou encobertas, o ardente desejo de uma completa liberdade de expressão do pensamento e da instituição insofismada do júri, o conhecimento da franqueza intelectual e moral dos soberanos e da aristocracia do seu tempo. Os republicanos, porém, sublinha Agostinho, “perdiam-se em palavras líricas, no excitar de entusiasmos passageiros, sem um projecto definido, sem uma ideia segura; onde Stendhal procurava planos ofereciam-lhe odes, em vez do calmo e ponderado entusiasmo encontrava explosões de sentimentalidade; e como sabia que tudo isso é fraca pedra de construção, dava-se por satisfeito com uma boa monarquia constitucional. Nunca porém a encontrou.*

Agostinho da Silva revê-se no modo como Stendhal está na escrita, no doseado harmonioso das suas principais componentes: *sensibilidade e razão*. “Sensibilidade e razão,” observa ele como se de si próprio falasse, “nunca apareceram a Stendhal como dois termos de uma antinomia, nem como tendo a possibilidade de existirem em separado num indivíduo verdadeiramente superior. O desprezo da inteligência ordenadora e criadora, a recusa de lançar o seu incenso no altar de Palas Ateneia, a exaltação de uma sensibilidade desordenada e obscura, tão próxima do instinto, como a da única força inspiradora do artista, eram movimentos incompreensíveis para ele; os românticos que se lançavam no tumulto da confissão pessoal, alimentados de vaidade e ignorância, expressando-se numa retórica balofa, colocava-os Beyle no mesmo plano de inferioridade em que estavam os burgueses ásperos em contas e desconhecedores de todo o impulso de ternura e amizade. Considerando os clássicos, não apenas os poetas ou os pintores, mas também o homem-tipo que eles adoptavam como ideal, estudando-os sem preocupação de erudito, como analisaria um pensamento seu, com amor, com aquela simpatia que dá a compreensão, reconheceu que eles uniam em grau supremo, sem conflitos,

o sentimento e o raciocínio. Em Corneille, acrescenta, a modo de ilustração, “um dos seus predilectos, encontrava ao mesmo tempo a apologia do espanholismo, da paixão que não respeita convenções e que derruba todos os obstáculos, e a realização mais perfeita do cartesianismo na literatura; todas as personagens procuram chegar a uma visão nítida da sua maneira de ser, ao encontro das duas ou três direcções essenciais do seu espírito. E Stendhal, conclui Agostinho, nesta passagem de radical autorevelação, “habitou-se a considerar a inteligência e a sensibilidade como os dois efeitos de uma mesma força, os dois aspectos de uma única realidade, as duas faces de um só deus; e foi ao Jano bifronte, ao ímpeto vital que encontrava no fundo de si mesmo que ele chamou Energia.” A este conceito de *energia*, síntese feliz das forças motoras não antagonistas que são a razão e a sensibilidade, voltaremos já a seguir. Queria, porém, antes de passarmos a isso, sublinhar uma vez mais que este vigiar da sensibilidade por uma razão que se não demite mas também não oprime, não confere ao produto final que é a arte qualquer sinal de pobreza. Quando o *processo* (usando uma expressão de Eça) em muito excede o conteúdo, cai-se então na pobreza retórica, que Agostinho eloquentemente denuncia no seu admirável e penetrante estudo dedicado a Mérimée. Aí, numa passagem inesquecível, podemos ler: “A obra novelística de Mérimée é tecnicamente perfeita, mas dentro dela abafa-se de incompreensão, de estreiteza, de falta de ar puro e vivo; e veremos já como, ao afastar-se de Mme Delessert, o seu espírito vai revelar o que de facto contém: academicismo e fraqueza.” Nesta significativa passagem, Agostinho da Silva não deixa dúvidas quanto ao seu conceito de classicismo como valor permanente, estuante de vida controlada, isto é, o oposto de qualquer academicismo seco e sem vida. O domínio das nossas pulsões deve ser um domínio que orienta e procura que as energias se não dispersem ao acaso e não um domínio que sufoca. No livro dedicado a Stendhal, fazendo um paralelo entre Nietzsche e Stendhal (o primeiro tinha, aliás, pelo segundo uma grande admiração), Agostinho nota com argúcia: “O isolado de Sils-Maria [i.e. Nietzsche] e o isolado de Civita-Vecchia [i.e. Stendhal] não expõem uma doutrina de dominadores, mas sim uma doutrina de indominados.” Enérgicos, ambos, mas não opressores. A energia como escola de liberdade controlada pela razão e não como escola de opressão. O verdadeiro classicismo é vida e fonte de vida e não protocolo que asfixia. Numa belíssima passagem dedicada a um dos dois mais famosos romances de Stendhal, *La Chartreuse de Parme*, Agostinho afirma em tom de viva exaltação do livro: “[a *Chartreuse*] é um acto de amor à vida, o reconhecimento de que toda a existência só não é inútil quando, depois de amplamente se entrelaçar, pelo amor ou pelo antagonismo,



em todo o caso sempre pelo interesse, com a dos outros homens, conseguir preservar de contactos estiolantes a vigorosa planta da energia, da mocidade interior." A *Chartreuse* é ao mesmo tempo um dos mais perfeitos exemplos literários da perfeição e do poder sugestivo que pode alcançar uma poesia guiada e depurada pela razão; basta a prová-lo a sua batalha de Waterloo, tão real, tão verídica, e aparentemente tão seca, e que não deixa no espírito uma recordação menos profunda do que as páginas de roncante epopeia dos *Miseráveis*." Ao falar de energia – e perdoem-me insistir neste ponto fulcral – Agostinho da Silva, repito, não está a aludir a uma energia invasora ou opressora – nem a sua, nem a de Stendhal o foram jamais. Como escritor, como dialogador vagamundo, como estimulador, como inspirador, Agostinho sempre pretendeu que o *outro* se encontrasse a si próprio e se libertasse a si próprio. A sua energia, como a de Stendhal, não triturava – encorajava. "A energia Stendhaliana," diz ele, na sua bela monografia consagrada ao autor de *Armance*, "não tem nada de comum com a energia vulgar, parente da brutalidade e deusa dos que, não confiando muito na força do próprio espírito, têm em todo o caso receio do espírito dos outros; não é a coragem militar, o desprezo da morte de um bom soldado, nem a coragem civil, tão apreciada, do proprietário de fábrica que não cede a um protesto dos operários, ou do professor que mantém os alunos na aula, encolhidos de medo. "A energia que Beyle exaltava," sublinha Agostinho, como se estivesse a falar de si próprio, "é menos espectacular e mais difícil; é uma força de alma que se exerce a todo o momento contra todas as tentações do conformismo, uma afirmação intransigente de independência ante as convenções, de guerra à vulgaridade e à tendência que a maioria dos homens tem para a escravidão. A condição ideal para que possa subsistir e desenvolver-se é a aceitação do sacrifício e da ascese; os seus apaixonados não alcançam grandes posições, não são ilustres nem poderão ter esperança de vir a dominar os outros homens porque se recusam a passar por todas as portas baixas e a aceitar os 'princípios estabelecidos'. Ter energia", resume Agostinho, "é conservar-se virgem de alma, guardar como um fogo de Vesta as aspirações ideais, as repugnâncias, a ânsia de aventura da mocidade; é, como na parábola de Gide, partir confiadamente pelo deserto fora, amar a sede e ter apenas para a aplacar os frutos da romãzeira brava; resistir, como Jesus às tentações do mau espírito, ter, como Chesterton diz de S. Francisco, uma visão ginástica da vida; pela energia se uniam no espírito de Stendhal, numa admiração comum, os santos e os criminosos, Dante e o forçado que, em frente da residência consular, batia a pedra da rua."

A energia que Agostinho e Stendhal celebram era fomentadora de ação – a própria escrita era já, de resto, uma forma de ação. Stendhal observava, citando Alfieri, que se dedicava ao romance porque “os meus tristes tempos me vedavam o fazer.” Agostinho da Silva escrevia porque, para ele, escrever era também um modo de *fazer* – e pôr os outros a fazer. Todo o seu percurso brasileiro é o testemunho eloquente da prodigiosa ação de construtor e semeador deste mestre inesquecível. Subjuga-nos, intriga-nos, quase nos diverte – a simplicidade, a fluência, o despacho com que, perante qualquer tarefa, mesmo a aparentemente mais gigantesca, punha mãos à obra, fazendo mão baixa dos materiais e das pessoas, poucas que fossem, que tivesse à disposição: “Quando não há cão, caça-se com gato,” sugeria com o ar com que as crianças descobrem tudo e mais alguma coisa.

Observou um dia François Mauriac que um escritor é essencialmente um homem que se não resigna à solidão. Agostinho da Silva empreendeu não se resignar à solidão – nem à sua, nem à dos outros – por via de mais armas do que a mera escrita. Mas a escrita – em que foi mestre de simplicidade, beleza translúcida e eficácia – serviu-lhe também admiravelmente esse propósito. O segredo desta eficácia residia afinal em muito pouco: uma profunda e reflectida honestidade de propósitos, um estilo desprezioso e certo e o ter alguma coisa a comunicar. Dizia o escritor Sholem Asch que “a escrita nos vem mais facilmente quando temos alguma coisa a dizer.” Agostinho da Silva tinha tanto a dizer que lhe não chegava o tempo para os rebuscamentos e gongorismos em que se entretinham aqueles escritores portugueses que censurava. Para quem tem muito a dizer, um estilo despojado, límpido e despachado ajuda a escoar mais depressa a mercadoria. Marcel Proust, atacado de asma e obviamente com poucos anos para viver, explicava que não podia dar-se ao luxo de pentear demasiado o seu estilo sem correr o risco de deixar incompleta a sua obra monumental. Há males que vêm por bem – é aquilo a que Pascal chamava *faire un bon usage des maladies*. A abundância da matéria comunicável e o respeito pelo outro – e por si próprios – depurou os estilos de Agostinho e de Proust.

Seja como for, gostaria de me ficar por isto: embora dotado de uma vasta e bem digerida cultura literária e possuidor de um gosto exigente – com os outros e consigo próprio –, cultura e gosto que faziam dele um crítico literário finíssimo, um prosador de ideias extremamente atraente e provocante, sem falar no poeta e no tradutor de poetas que também foi (e do mais alto quilate), – Agostinho da Silva viu-se, sobretudo, como um grande iniciador ou semeador que foi, pela vida fora, despertando vocações e talentos, acordando o gosto pelas ideias e pelas formas, suscitando apetecidas oposições e a descoberta de si próprios pelos outros. Como o

Gide das *Nourritures Terrestres*, que no final do livro aconselhava o seu discípulo Nathanael, dizendo: “E, agora, Nathanael, deita for a o meu livro,” também Agostinho, na mesma linha emancipativa, diz a cada um dos seus inúmeros amigos: “Do que V. precisa, acima de tudo, é de se não lembrar do que eu lhe disse.” Porque, o que ele dizia, mais do que o interesse que, em si mesmo tinha – e era muito – valia sobretudo como um estímulo à autonomia de pensar e fazer do outro.

Em suma: os talentos que a vida lhe deu e ele tão fluentemente usou para gozo próprio quis Agostinho da Silva suscitar noutros para que a qualidade de vida se tornasse, como o bom senso de Descartes, a coisa mais bem distribuída entre os homens.

Não se tratou, pensamos, de um acto de sacrifício. Agostinho não matou, em si, o escritor criativo, a bem de uma frutuosa pedagogia, isto é, a bem exclusivo dos outros. O seu acto de grande semeador ou de intrépido iniciador pode – e deve, merece – ser visto como uma indiscutível, original e multifacetada forma de criação.

Dizia o escritor alemão Herman Hesse que “o conhecimento consegue ser comunicado, mas não a sabedoria”. Às vezes apraz-me pensar que, num ou noutro caso, Agostinho da Silva soube infligir um poderoso desmentido ao grande escritor alemão.